

jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coeteno Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Director Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Are you?

Para curar as mazelas do Brasil. Do Brasil?

O "patrulhamento ideológico" existe realmente? E a subversão semântica? A desinformação sistemática, a repetição exaustiva de uma mesma mentira pode mesmo transformá-la numa "verdade"?

Vocês que "se têm informado" por certos "programas jornalísticos" da nossa televisão e por certa imprensa escrita; vocês que têm ouvido e acatado, há tantos anos, os diagnósticos e análises de organismos e associações de classe como a CNBB, a OAB, a ABI, a CUT e outras que apontam no caráter "selvagem e pecaminoso" do "capitalismo brasileiro" e na "busca sôfrega do lucro" a causa das injustiças e da miséria em que vive mergulhada a esmagadora maioria da nossa população; vocês que se têm afligido com as ameaças de "retrocesso constitucional" que os nossos constituintes nacional-estatizantes têm brandido, cada vez que seus projetos "progressistas" são derrotados em votação, atentem para esta análise:

"Por demasiado tempo o decreto, em lugar da moeda, dominou a nossa economia... No entanto, ainda perdura a crença de que o sistema de relações econômicas surgido em nosso país é a materialização do capitalismo (1)... nossas dificuldades não advêm dos pesados encargos representados pelos gastos sociais (2)... se os recursos materiais e humanos fossem redivididos racionalmente seriam suficientes para manter uma economia orientada para o progresso tecnológico e para atender às necessidades sociais tradicionalmente modestas da população. O que ocorre, porém, é que temos uma economia deficitária, desequilibrada e que não aceita os avanços científico-tecnológicos".

"Com violência, pressão, apelos e agitação, nada se consegue em economia; esses expedientes apenas levam à corrupção, aos roubos sistemáticos, ao desprezo pelo trabalho honesto e à vagabundagem. Somente as ações podem convencer. Antes de mais nada, o mercado precisa ser abastecido, justamente por meio do desenvolvimento do mercado".

"Que está impedindo isso? Antes de mais nada, o entrenchamento ideológico, os receios de que iremos libertar de sua garrafa o mau espírito do capitalismo. Só que as tentativas de alcançar o total controle sobre absolutamente tudo levam a tal descontrole que, comparado com ele, qualquer anarquia fica parecendo a materialização da ordem. O Legislativo deveria é proibir interferências externas na vida produtiva das empresas... Precisamos decidir definitivamente o que é mais importante: produzirmos alimentos e bens suficientes ou eternizarmos a igualdade na pobreza. As coisas precisam ser chamadas pelos nomes: devemos chamar burrice à burrice, incompetência à incompetência, nacional-estatismo ao nacional-estatismo de fato (3). Deixemos de lado a prostituição ideológica (4) sob a qual se roubou mais e houve mais enriquecimento ilícito do que nunca."

"Esse quadro só pode ser revertido com uma democratização do planejamento, hoje centralizado,... com o estabelecimento de contratos livres entre fornecedores e consumidores... Fala-se em estabilidade no emprego (5), mas um pequeno número de desempregados seria até saudável. Substituiria as pressões administrativas por uma pressão econômica: o risco real de perder o emprego... não seria o pior remédio contra a preguiça e a falta de responsabilidade. Seria mais barato pagar uma subvenção por alguns meses aos desempregados do que continuar mantendo no sistema uma multidão de ociosos que apenas boicotam todas as tentativas de melhorar a produtividade e a eficiência".

"Também seria necessário uma revisão de toda a nossa política de assistência do Estado à economia (6)... que afinal envolve bilhões em projetos que não trazem qualquer benefício, como, por exemplo, a construção de usinas hidrelétricas que consomem rios de dinheiro para só se mostrar rentáveis no próximo milênio, ou de siderúrgicas ou outras indústrias pesadas em estados que, de fato, precisam de pequenas e médias empresas para criar empregos e abastecer de produtos de consumo o mercado local."

"Precisamos ainda criar joint ventures com empresas estrangeiras... mas, se insistirmos em taxar os lucros dos parceiros estrangeiros, estaremos desencorajando os empresários de fora a partir para associações com os nossos."

"Outro problema são os subsídios aos alimentos básicos e serviços essenciais... que custam bilhões por ano e criam uma perversão no sistema de preços, já que são vendidos por preços extremamente baratos à custa dos altos preços cobrados nos outros produtos. Na medida do possível, nossos preços internos deveriam corresponder aos do mercado mundial."

"Quanto à questão do lucro, a humanidade ainda não encontrou melhor índice para medir a eficiência do trabalho. Só a noção do lucro permite estabelecer objetivamente a relação entre custo e renda. O critério de rentabilidade nada tem de duvidoso; apenas diz se se está trabalhando bem ou mal."

Sobre a questão dos monopólios, das reservas de mercado e das relações entre produtores e consumidores, "o consumidor precisa ter o direito e a possibilidade de rejeitar o que lhe é oferecido. Ele tem de ter o direito real de escolha. E para o produtor tem de existir o perigo real de ir à bancarrota se os seus produtos não tiverem aceitação. Só assim poderemos acabar de fato com a atual aberração do total perdão recíproco: o estabelecimento comercial perdoa o serviço porco da indústria por ter, de antemão, a certeza de que, de qualquer modo, as porcarias acabarão encontrando um comprador".

"A economia tem suas próprias leis, cuja violação é tão proibida e perigosa como são o desprezo às leis de segurança no manuseio de um reator nuclear. Agora, trata-se de afastar os que dirigem nossa economia, principalmente os dos postos mais altos, da sua mentalidade de senhores feudais e da sua arrogância de casta; da certeza da sua intocabilidade e do seu direito divino de dar ordens; da sua convicção de que estão acima das leis e da crítica."

Muito bem. Chegamos ao fim da análise que queremos apresentar aos nossos leitores. Quem a teria feito? A que país ela se referia? Um dos nossos "conservadores" na Constituinte? Um "reacionário" analisando pela ótica "burguesa" pecaminosa — e condenando-as — todas as maiores "conquistas" da nossa classe trabalhadora e todos os "avanços" propostos pelos "progressistas" à Assembléia Nacional Constituinte?

Não. É a análise que faz Nikolai Shmelyov, economista do Partido Comunista da União Soviética, a "mãe-pátria" do socialismo, sobre a economia soviética após 70 anos de socialismo real. É a análise e o apelo que faz ao seu povo por meio da revista oficial do partido, *Novos Tempos*, que reproduzimos no *Jornal da Tarde* de ontem, na página 6, para que entenda e apóie as reformas que Mikhail Gorbachov (e ele seria "progressista" ou "reacionário"?) começa a implantar no fim deste mês, depois de aprovadas pelo Comitê Central do PCUS.

Tomamos apenas a liberdade de alterar ou omitir as referências que pudessem denunciar que a análise não era de um brasileiro e nem sobre o Brasil, assinalando, com chamadas remissivas, os pontos alterados, que restabelecemos abaixo.

O diagnóstico de Nikolai, que é perfeito para o caso brasileiro, mostra que estávamos certos quando, numa série de reportagens que marcou época no jornalismo brasileiro, definimos, há três anos, o universo estatal brasileiro como a República Socialista Soviética do Brasil. Agora resta-nos a esperança de que o presidente Sarney desista de ser o novo Juscelino Kubitschek às avessas (ele e o PMDB estavam tentando fazer com que o Brasil regressisse "50 anos em cinco", introduzindo

aqui o sistema de que os russos estão tentando se livrar) e meta na cabeça a idéia de ser o Gorbachov brasileiro, que é muito mais apropriada para enfrentar a situação e o sistema econômico — mais socialista que qualquer outro fora os da Cortina de Ferro — que, apesar do que dizem as CNBBs e cia., é o que enfrentamos de fato hoje no Brasil. Sua entrevista da última quinta-feira nos dá alguma esperança de que isso venha a acontecer.

Glossário: foram as seguintes as alterações que fizemos no texto original: 1 — "capitalismo" em lugar de "marxismo-leninismo"; 2 — "gastos sociais" em lugar de "gastos com defesa", a desculpa dos políticos daqui pela dos de lá; 3 — "nacional-estatismo" por "stalinismo"; 4 — "prostituição ideológica" por "virgindade ideológica" por motivos óbvios; 5 — "estabilidade no emprego" por "pleno emprego"; 6 — "assistência do Estado à economia" por "assistência econômica aos Estados socialistas".